

A cobertura das g
aresta, constituindo



I ENCONTRO DE HISTÓRIA LOCAL DO CONCELHO DE OEIRAS

tora, que a

«... Do número

OUTUBRO 1992

re das Cascatas d

monarcha,



ACTAS DO I ENCONTRO DE HISTÓRIA LOCAL DO CONCELHO DE OEIRAS

Edição

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

Coordenação

SECTOR DE ACÇÃO CULTURAL

Prefácio ISALTINO DE MORAIS

Autores ISALTINO DE MORAIS

JOÃO LUÍS CARDOSO

JORGÉ AUGUSTO MIRANDA

FILOMENA ISABEL LUCAS CORREIA SERRÃO ROCHA

JOÃO CLÁUDIO AWONTERS LOPES

ANA TEIXEIRA GASPAR

JOAQUIM COUTINHO

ROGÉRIO DE OLIVEIRA GONÇALVES

CONCEIÇÃO VIANA

INÊS PEREIRA

MARIA ISABEL SOROMENHO

JORGE MIRANDA

CLARA PAVÃO PEREIRA

JOSÉ EDUARDO COSTA

JOÃO PEDRO MATOS MARCELINO CABRAL

DAVID JUSTINO

Concepção Gráfica

ANTÓNIO LOBO

Fotografia

ROSÁRIO ALMEIDA (C.M.O.)

Impressão

IAG - ARTES GRÁFICAS, LDA.

Depósito Legal N.º 68767/93

Tiragem - 1000 exemplares

Lisboa, 1993

ISBN - 972 - 9145 - 34 - 2

ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO NA ÁREA DO CONCELHO DE OEIRAS DO PALEOLÍTICO AO PERÍODO ROMANO: UM ENSAIO

*João Luís Cardoso **

1 INTRODUÇÃO

As excelentes condições naturais oferecidas pela região ribeirinha do estuário do Tejo constituíram, desde o Paleolítico inferior, factor decisivo para a ocupação humana. Clima ameno, mais frio e seco nos períodos correspondentes ao desenvolvimento de glaciares nas regiões setentrionais peninsulares; colinas suaves, caracterizando território de fácil acessibilidade; solos férteis, sobretudo na margem norte, derivados em grande parte de rochas basálticas que afloram de Loures a Oeiras e Cascais; rede hidrográfica favorável à circulação de bens e pessoas, até época recente, facilitando o acesso ao estuário; e, por último, a fácil comunicação com o Oceano, foram razões determinantes para que a região ribeirinha do estuário do Tejo, especialmente a margem norte, se constituísse, desde cedo, como poderoso elemento de fixação de populações e privilegiada via de acesso ao interior do território; propícia à exploração das suas riquezas e ao escoamento dos seus produtos.

Este trabalho constitui um ensaio sobre a evolução do povoamento da região, especialmente no que concerne à área actualmente ocupada pelo Concelho de Oeiras, ao longo das sucessivas etapas culturais conhecidas pelos seus diversos povoados. Obviamente que a restrição ao espaço geográfico aludido é puramente artificial; daí que tenhamos recorrido, quando tal se tornava indispensável, a referências à região envolvente.

Nos últimos anos, a qualidade de informação de índole arqueológica relativa ao Concelho de Oeiras melhorou de forma notável, tanto em qualidade como em quantidade. Tal facto fica a dever-se à criação de uma estrutura camarária, o *Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras*, fruto do apoio dispensado, globalmente, pelos Executivos Camarários e, em especial, pelo Dr. Isaltino Morais que, ano após ano, tem acompanhado pessoalmente o nosso trabalho.

2 OS VESTÍGIOS

2.1 PALEOLÍTICO INFERIOR

Alguns dos vestígios paleolíticos encontrados no Concelho de Oeiras contam-se entre os mais antigos do território português e, mesmo, do continente europeu. Consistem em seixos singelamente trabalhados, rolados após o talhe pelo mar — indício

* Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

de serem anteriores a tal acção — e depositados a altitudes de 140 a 150 m acima do nível actual, em plataformas hoje quase totalmente desaparecidas. Os vestígios mais importantes foram recolhidos no Alto de Leião — Paço de Arcos, tendo sido já objecto de publicação (CARDOSO e PENALVA, 1979).

Mais recentes são os materiais recolhidos em diversos locais do Concelho, à superfície dos terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa, extensa mancha que se prolonga até ao Concelho de Loures. Estudo de conjunto das estações paleolíticas correspondentes a tais afloramentos foi recentemente publicado (CARDOSO, ZBYSZEWSKI e ANDRÉ, 1992). Remontam a várias fases do Acheulense e correspondem a peças de quartzito e, sobretudo, de sílex, aproveitando nódulos provenientes dos calcários cretácicos subjacentes.

Em restos de depósitos de praias elevadas, como as anteriormente referidas, mas a altitudes mais baixas, portanto mais recentes, mais perto do litoral actual, recolheram-se também indústrias líticas do Paleolítico inferior. O local mais importante situava-se no Alto da Barra, tendo desaparecido no decurso da construção da urbanização ali iniciada em 1972. Os materiais então por nós recolhidos, conjuntamente com outros, recolhidos na década de 1940 (BREUIL e ZBYSZEWSKI, 1945) aguardam publicação (CARDOSO, ZBYSZEWSKI, LEITÃO e NORTH, 1993). Tratava-se de restos de uma praia levantada a cota dos 25-30 m, o que a situa no interglaciário de Mindel-Riss (cerca de 300 000 anos).

Por último, nas cascalheiras das praias actuais do Concelho, da Cruz Quebrada a Carcavelos, encontraram-se numerosas peças paleolíticas roladas pelo mar actual. Trata-se de materiais remobilizados, em parte através das linhas e água que sulcam, de Norte para Sul, a área do Concelho. Foram, igualmente, objecto de publicação (ZBYSZEWSKI, PENALVA e CARDOSO, 1979).

2.2 PALEOLÍTICO MÉDIO

O Paleolítico médio está representado, no Concelho, por um conjunto de estações situadas nos locais ocupados no Acheulense; Tal facto evidencia uma continuidade da ocupação do território, mormente na área basáltica, onde se concentram os vestígios; tal como anteriormente, trata-se, essencialmente, de indústrias de sílex, ocupando o quartzito, sob a forma de seixos rolados, posição secundária. Uma das jazidas mais importantes, onde as afirmações anteriores se encontram bem documentadas é a de Linda-a-Pastora, já publicada (ZBYSZEWSKI e CARDOSO, 1987).

2.3 PALEOLÍTICO SUPERIOR

Apenas um local ofereceu, até aí presente, materiais característicos do Paleolítico superior. Trata-se da gruta da Lage, explorada na segunda metade do século passado por Carlos Ribeiro e na qual foram recolhidas algumas peças solutrenses, e como tal reconhecidas na década de 1940 (BREUIL e ZBYSZEWSKI, 1942).

As séries mais recentes das estações da região basáltica são integráveis em um Paleolítico superior indiferenciado, por ausência de peças características.

2.4 EPIPALEOLÍTICO E MESOLÍTICO

O curto lapso de tempo, de cerca de 4000 anos, que medeia o fim da última glaciação do começo do Neolítico na Estremadura portuguesa, não está bem documentado na região de Oeiras. Tal não significa, porém, que estivesse desabitada, o que não é aceitável.

2.5 NEOLÍTICO

Do Neolítico, apenas a fase terminal está representada. Trata-se do nível de base dos povoados de Leceia (CARDOSO, 1989) e de Carnaxide (escavações do signatário), cujos materiais, donde se salientam taças carenadas e vasos de bordo denteado, se situam no final do 4.º milénio a. C. (datações e C 14 calibradas). A uma fase inicial do Neolítico poderá pertencer a oficina de talhe de sílex de Barotas — Leceia, a atendermos à presença de uma ponta transversal de flecha (CARDOSO e COSTA, 1992).

2.6 CALCOLÍTICO (IDADE DO COBRE)

A estação mais importante em toda uma vasta área que ultrapassa largamente os limites do Concelho é o povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1989).

As campanhas de escavação ali realizadas anualmente desde 1983 — em 1992 efectuou-se a 10.ª — vieram demonstrar a importância excepcional, do ponto de vista científico e patrimonial deste arqueossítio, situando-o entre um dos mais notáveis do Mediterrâneo ocidental para a compreensão da génese e desenvolvimento das primeiras sociedades de carácter proto-urbano. Ao longo dos cerca de 1000 anos de ocupação, entre cerca de finais do 4.º e do 3.º milénios a. C., encontram-se representadas três fases culturais em continuidade: para além da fase neolítica, antes referida, trata-se da Fase II, do Calcolítico inicial da Estremadura e da Fase III, do Calcolítico pleno da Estremadura.

O apogeu do povoado verificou-se no Calcolítico inicial, situável no decurso da primeira metade do 3.º milénio a. C., com base nas datações de C 14 calibradas, já publicadas (CARDOSO, 1989). Nesta fase cultural integram-se três momentos construtivos principais, no decurso dos quais se assiste à construção e, depois, ao progressivo reforço do imponente dispositivo defensivo, denotando agravamento da instabilidade social, com o aumento das potenciais situações de conflito, algumas delas bem documentadas (CARDOSO, CUNHA e AGUIAR, 1991).

Paralelamente é, porém, nítida, a crescente degradação da qualidade construtiva, prenunciando o declínio do povoado.

A fase cultural seguinte corresponde ao Calcolítico pleno da Estremadura. Tal como a mais antiga, encontra-se apenas representada por um momento construtivo, geralmente limitado a pequenas construções habitacionais de carácter precário.

O abandono definitivo do povoado deve ter-se verificado no final desta fase, no último quartel do 3.º milénio a. C., aquando da eclosão das cerâmicas campaniformes no ocidente peninsular. Tais cerâmicas, escassamente representadas em Leceia, devem atribuir-se à passagem episódica de pequenos grupos humanos, num momento em que as construções defensivas, culminando um lento e prolongado período de declínio, se encontravam em grande parte arruinadas.

O grande valor científico deste arqueossítio não é inferior ao seu valor patrimonial. Com o objectivo de rentabilizar tal espaço, como ponto de encontro cultural ou, tão-somente, de lazer, deu-se início em 1988 a um programa geral de reconstrução das estruturas, com o objectivo de as tornar mais perceptíveis para o público visitante. A metodologia e objectivos destes trabalhos foi objecto de trabalho específico (CARDOSO, 1991).

2.7 IDADE DO BRONZE

A baixa península de Lisboa, mercê de condições propícias antes aludidas constituiu, para as populações agrícolas da Idade do Bronze Final, no último quartel do 2.º milénio a. C., um excelente local de fixação. É assim que se explicam as numerosas ocorrências, correspondentes a pequenas estruturas rurais (a designação de «casais agrícolas» parece adequada). No Concelho de Oeiras, alguns destes locais eram de há muito conhecidos embora insuficientemente referenciados (MARQUES e ANDRADE, 1974), tendo outros sido identificados no decurso do levantamento arqueológico sistemático a que procedemos da área concelhia em colaboração com Guilherme Cardoso (CARDOSO e CARDOSO, 1993).

2.8 IDADE DO FERRO

A exploração agrícola intensiva e extensiva parece ter sido, também, a principal actividade das populações cuja presença está documentada no final da 1.ª Idade do Ferro (séculos VI a V a. C.). Assim sugerem as características dos dois locais objecto de escavações de emergência — e dos escassos investigados em toda a região de Lisboa — Outurela I e Outurela II (CARDOSO, 1987; CARDOSO, 1990). Dentre os materiais exumados, são quase exclusivos os produtos cerâmicos feitos ao torno rápido, cuja tipologia atesta marcado regionalismo. Com efeito, estão ausentes recipientes importados, de origem fenícia, como os recolhidos noutros locais, com ocupações anteriores, da área estuarina (CARDOSO, 1990; AMARO, 1993; BARROS, CARDOSO e SABROSA, 1993; CARDOSO e CARREIRA, 1993).

2.9 PERÍODO ROMANO

Este período encontra-se documentado no Concelho por monumentos epigráficos, necrópoles e *villae rusticae*, avultando estas últimas, no âmbito dos objectivos deste trabalho. A *villa* romana de Oeiras é a mais conhecida, salientando-se o resto de mosaico policromo (VASCONCELOS, 1916), tardio, recentemente estudado no âmbito das actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CARDOSO e ANDRÉ, 1993).

3 A ESTRATÉGIA DE OCUPAÇÃO

Os vestígios mais importantes, sumariamente referidos no parágrafo anterior, documentam a evolução da estratégia de ocupação humana no território de Oeiras. É esta evolução, condicionada por necessidades ou exigências económico-sociais, que seguidamente procuraremos caracterizar nos seus traços gerais.

Os testemunhos mais antigos demonstram a presença humana, há mais de 1,0 milhões de anos, em litorais planos e arenosos, que então bordejavam um vasto golfo flúvio-marinho. O Homem encontraria ali, através da recollecção, parte substancial da sua base alimentar.

Nas centenas de milhares de anos que se sucederam, no decurso das várias fases do Acheulense, sem abandonar o litoral, onde encontraria facilmente alimento, progrediu para o interior do território. Tal ocupação privilegiou a área correspondente aos afloramentos do Complexo Basáltico de Lisboa, por oposição aos terrenos calcários envolventes. Tal explicação poderá fundamentar-se no facto dos afloramentos basálticos constituírem relevos ondulados pouco acidentados, com toalhas de água superficiais, portanto com abundância de nascentes, constituindo excelente território de caça. Ao contrário, nos terrenos calcários, mais escarpados e escassos de água, desenvolver-se-ia uma vegetação arbustiva e espinhosa, pouco propícia à presença de caça e à circulação do Homem, dela dependente.

Tal modelo de ocupação persistiu até, pelo menos, o final da última glaciação; o Homem, enquanto recolector puro, encontraria naquela região, os recursos cinegéticos de que dependia, em grande parte. Apenas nos momentos de maior rigor climático, no decurso de curtas vagas de frio que se fizeram sentir na última parte do Würm, entre cerca de 23 000 e cerca de 18 000 antes do presente (CARDOSO, 1993), o Homem teria procurado o refúgio das grutas; os materiais solutrenses da Gruta da Lage atestam-no.

A lacuna correspondente à ocupação pré-histórica da área concelhia até ao final do Neolítico impede de conhecermos os locais onde se fixaram as primeiras comunidades produtoras; contudo, a exploração organizada dos recursos era já uma realidade, exemplificada pela oficina de talhe de artefactos de sílex, identificada em Barotas, junto a Leceia. Provavelmente, à semelhança do verificado noutros pontos do país, seriam a parte inferior das encostas e os vales, locais sem condições naturais de defesa, os locais preferidos. Tal situação ter-se-á alterado no Neolítico final, onde voltamos a dispor de registo arqueológico.

Segundo os elementos que possuímos, neste período verifica-se, na região, a ocupação simultânea de sítios baixos e de sítios de altura, estes anteriormente desocupados. Como exemplo, citam-se o povoado da Parede (Cascais), sem condições naturais de defesa e os de Leceia e Carnaxide, situados em esporões calcários, debruçados sobre importantes cursos de água, respectivamente a ribeira de Barcarena e o rio Jamor.

Tal evolução no povoamento, denunciando preferência crescente por sítios naturalmente defendidos, deverá ser interpretada à luz das alterações sócio-económicas que a determinaram. Com a melhoria da tecnologia de produção — a chamada Segunda Revolução Neolítica, ou Revolução dos Produtos Secundários — foi possível aumentar a produção e, deste modo, a criação de excedentes, que requeriam acautelamento para fazer face aos períodos de dificuldade. Por outro lado, a criação deste sobreproduto económico teria possibilitado à comunidade a manutenção, no seu seio, de elementos não directamente relacionados com as actividades produtivas, reunindo-se assim as condições objectivas para a génese e desenvolvimento das primeiras sociedades diferenciadas socialmente.

A construção da fortificação calcólica de Leceia, única em um raio de cerca de 50 Km, indica, repetimos, a existência de um apreciável sobreproduto económico, certamente resultante do desenvolvimento de uma economia agro-pastoril: as actividades agrícolas estão documentadas pela presença de mós manuais, sachos de pedra e elementos de foice; a criação de gado encontra-se atestada pela existência de abundantes restos ósseos de ovinos, caprinos, suínos e bovinos, sendo subsidiada pela caça (veado, javali, auroque, urso, coelho e lince, este último, certamente apenas para o aproveitamento da pele) e ainda pela recollecção de moluscos e pela pesca, no estuário.

A acumulação de recursos, bem como a crescente complexificação da comunidade, encontra-se demonstrada pela construção, de uma só vez, do monumental complexo defensivo de Leceia, exigindo a disponibilização maciça de mão-de-obra durante um longo espaço de tempo. Este arqueossítio, tal como outros existentes tanto na Estremadura como noutros pontos do país, ilustram a existência das primeiras situações de carácter bélico (CARDOSO CUNHA e AGUIAR, 1991), arqueologicamente não detectáveis até aos finais do Neolítico. Estamos, por conseguinte, perante uma sociedade hierarquizada e talvez organizada segundo modelo tribo-patriarcal (SILVA, 1983; CARDOSO, 1987, 1989). Podemos entrever em Leceia a génese das sociedades proto-urbanas de raiz mediterrânica, plenamente afirmadas na Idade do Bronze.

Apenas o início da Idade do Bronze Final está documentada no território de Oeiras. A jazida até agora melhor conhecida, situada já na área limítrofe, é a da Tapada da Ajuda, em Lisboa (CARDOSO, ROQUE, PEIXOTO e FREITAS, 1980/81; CARDOSO RODRIGUES, MONJARDINO e CARREIRA, 1986).

Condições particularmente favoráveis de solo, clima e relevo explicam a preferência de novo dada — embora por razões diversas — aos terrenos do Complexo Basáltico de Lisboa. Aí seria possível a exploração intensiva e extensiva da terra e a criação de gado (bovino, suíno e ovi-caprino). A vida quotidiana decorreria, pois, de forma sedentária e pacífica em pequenas unidades agrícolas de cariz familiar, denotando um povoamento disperso nesta fértil região.

Integrando sociedade já fortemente hierarquizada, tais populações dependeriam, eventualmente, de um centro político-militar, ainda não cabalmente localizado, onde se instalaria a classe dirigente, a partir do qual administraria um determinado território.

Culminando um crescente processo de estratificação social iniciado no Calcolítico, o modelo de «chefaturas» parece adequar-se às evidências recolhidas, possuindo, na mesma época, paralelos na região alentejana (PARREIRA, 1983).

É sobre este «fundo cultural», prolongado na última fase do Bronze Final (período proto-orientalizante da Andaluzia) pelo aparecimento das cerâmicas de «retícula brunida», de que não se recolheram exemplares nesta região, que se irão exercer as primeiras influências de origem oriental ligadas ao comércio de produtos fenícios, incluindo a introdução do ferro e das cerâmicas feitas ao torna rápido.

Segundo os elementos disponíveis, e tal como para o Bronze Final, podemos considerar dois momentos distintos (CARDOSO, 1990; CARDOSO e CARREIRA, 1993): em um momento inicial, no decurso do século VII a. C., relacionado com um importante comércio marítimo de que são testemunho materiais cerâmicos de origem fenícia, são ocupadas algumas das colinas em torno do estuário, como em Lisboa e em Almada; era um momento ulterior, no decurso dos séculos VI e V a. C., é ocupado todo o território interior e especialmente, os férteis terrenos basálticos (a menos que estes nunca tivessem deixado de o ser) por populações essencialmente agrícolas, como no Bronze Final. Dos escassos locais investigados avultam os dois conhecidos no Concelho de Oeiras, cujo o espólio documenta produções cerâmicas estritamente locais ou regionais e, assim, o *terminus* das importações orientais (relacionado com a crise que abalou o Mundo Fenício no século VII a. C.).

Até ao advento do Período Romano a lacuna dos nossos conhecimentos quanto à ocupação do Concelho é completa. Com a «pax» romana voltam a preferir-se os terrenos que, pela sua aptidão agrícola, melhor serviam os interesses das populações. Na região oeirense consolidava-se, deste modo, uma das principais características do povoamento — a ruralidade — que, não mais se perderia até (quase) a actualidade.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. (1993) — *Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa*. Estudos Orientais, 4: 183-192.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L. e SABROSA, A. (1993) — *Fenícios na margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz — Almada*. Estudos Orientais, 4: 143-181.
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G. (1942) — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du litoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. Vol. 1 Comunic. Serv. Geol. Port., 23: 1-394.
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G. (1945) — *Idem*, Vol. 2. Comunic. Serv. Geol. Port., 26: 1-662.
- CARDOSO, J. L. (1987) — *No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro*. In *Arqueologia no vale do Tejo* (catálogo da exposição organizada pelo IPPC na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987), p. 69-81.
- CARDOSO, J. L. (1989) — *Leceia: resultados das escavações realizadas — 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J. L. (1990) — *A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo*. Estudos Orientais, 1: 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1991) — *A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. Algumas considerações a propósito do exemplo de Lewie*. Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1990), 139-146.
- CARDOSO, J. L. e CARDOSO, G. (1993) — *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4: 1-128.
- CARDOSO, J. L. e ANDRÉ, M. C. (1993) — *O mosaico romano de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 5 (no prelo).
- CARDOSO, J. L. e CARREIRA, J. R. (1993) — *Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage*. I Congresso Mediterrâneo de Etnologia Histórica (Lisboa, 1991). Mediterrâneo, 2: 193-206.
- CARDOSO, J. L. e COSTA, J. B. (1992) — *Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras)*. Setúbal Arqueológica, 9/10: 229-245.
- CARDOSO, J. L. e PENALVA, C. (1979) — *Vestígios de praia calabriana com indústrias da «Pebble Culture» no Alto de Leilão — Paço de Arcos*. Bol. Soc. Geol. Port., 21: 185-196.
- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. e FREITAS, F. (1980/81) — *Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda*. Setúbal Arqueológica, 6/7: 117-147.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. e CARREIRA, J. R. (1986) — *A jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda*. Lisboa - Revista Municipal, 15 (2.ª Série): 3-18.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. SANTINHO e AGUIAR, D. (1991) — *O Homem pré-histórico no Concelho de Oeiras*. Estudos de Antropologia física. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 2: 1-85.
- CARDOSO, J. L.; ZBYSZEWSKI, G. e ANDRÉ, M. C. (1982) — *O paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 3: 1-645.
- CARDOSO, J. L.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M. e NORTH, C. T. (1993) — *A jazida paleolítica do Reduto de Renato Gomes (Oeiras)*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 5 (no prelo).
- MARQUES, G. e ANDRADE, G. M. (1974) — *Aspectos da Proto-história do território português. I — Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro)*. Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973), 1: 125-148.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1916) — *Mosaicos romanos de Portugal*. O Arqueólogo Português, 21: 142.
- PARREIRA, R. (1983) — *O cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980*. O Arqueólogo Português, S. III, 1: 149-168.
- SILVA, C. Tavares da (1983) — *O megalitismo e os primeiros metalurgistas*. História de Portugal (Dir. José Hermano Saraiva). Alfa, fasc. 81, p. 83 e seg.
- ZBYSZEWSKI, G. e CARDOSO, J. L. (1987) — *O paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. Da Pré-história à História*, vol. de Homenagem a O. da Veiga Ferreira, p. 111-152.